

UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A TEORIA DO ATOR REDE O Twitter como estudo de caso.

*Eurico Oliveira Matos NETO¹²³
José Ferreira JUNIOR¹²⁴*

LEMOS, Renata; SANTAELLA, Lúcia. **Redes Sociais Digitais: A cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

Resumo: Esta resenha apresenta alguns aspectos de maior relevância do estudo de caso realizado por Lúcia Santaella e por Renata Lemos, cujo ponto focal é utilização da Teoria do Ator Rede (TAR), desenvolvida por Bruno Latour. Destaca-se a contribuição das teorias sistêmicas e a noção semiótica de fluxos contínuos para o olhar das autoras sobre o objeto em análise: a rede social Twitter.

Palavras-chave: Redes Sociais; Twitter; Teoria Ator Rede (TAR).

Abstract: This paper shows some aspects of major importance on a case study carried out by Lúcia Santaella and Renata Lemos, whose main focus is used in the Actor Net Theory (ANT), developed by Bruno Latour. It is highlighted the contribution of systemic theories and semiotics notion of continuous flow for the look of the writers on the object under analysis: the Twitter network.

Key-words: Social Networks, Twitter, Actor Net Theory (ANT)

¹²³ Graduando em Comunicação Social – Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e bolsista de iniciação científica do CNPq. E-mail: euriconeto90@gmail.com

¹²⁴ Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Professor associado do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: jferr@uol.com.br

Imersos em um tempo onde os “ciberconceitos” estavam em pleno vigor no campo de discussão acadêmica, eis que surgem “as plataformas-rebentos da web 2.0”, aquelas que inauguraram a “era das redes colaborativas”, “o uso de *tags* (...) para o compartilhamento e intercâmbio de arquivos” e as Redes Sociais da Internet (RSI’s), caracterizadas pela propriedade de *microblogging*. Exemplos é o que não faltam dentro desse universo onde a interação é a palavra de ordem: a primeira função fica com plataformas como o Wikipédia, *blogs*, *podcasts*, o YouTube, Flickr; e Orkut, MySpace, Facebook, Google+ e Twitter são as chamadas RSI’s.

É justamente as RSI’s, em especial o Twitter, que formam o objeto de análise dessa obra de Lúcia Santaella e de Renata Lemos. As autoras trabalham com os conceitos de redes já estudados em diversos outros campos do conhecimento, tais como a biologia, a matemática, a física, a sociologia e a teoria da informação. Limitar e construir um conceito estável para esse termo é uma tarefa árdua, restando ao pesquisador contentar-se com a incompletude e parcialidade de um recorte que poderá aplicar-se ao seu objeto de pesquisa. Foi o que fez Santaella e Lemos. Optaram por seguir o caminho das redes sociais sob o olhar da sociologia e da antropologia, trabalhando o conceito de sociabilidade, e da filosofia, onde se aproximaram da teoria dos agendamentos e complexidade social, de Manuel DeLanda. A proximidade com esses campos foi inevitável, uma vez que é onde o conceito de redes se aproxima mais das reflexões sustentadas no campo da comunicação. Outro autor de grande relevância na construção dessa análise das redes sociais da internet foi Manuel Castells. A maior herança de Castells para esse trabalho foi a noção de “virtualidade real”. Trata-se de trabalhar com os “fluxos maleáveis para os quais não existem fronteiras”.

Foi da teoria dos sistemas complexos adaptativos que as autoras buscaram subsídios para sustentar suas ideias de caracterização das RSI’s: o conceito de auto-organização e da emergência. Outra teoria importante para entender a lógica das redes sociais de internet é a Teoria Ator-Rede (TAR). Essa teoria, por vezes conhecida como teoria actante-rede, é diferente da teoria das redes sociais, que se limita a noção de atores/actantes a relação entre seres humanos, pois nela o “sujeito” pode ser constituído de “quaisquer entidades não-humanas e não individuais”. O ator é um sujeito radicalmente indeterminado e heterogêneo. “Seu tamanho não é predeterminado, nem seu perfil

psicológico, nem ainda a motivação de suas ações, pois atores também podem ser não humanos”.

Ao tratar da TAR, em cujas entranhas estão formulações de Bruno Latour, as autoras empreendem um diálogo profícuo com o pensador francês apontando certas limitações em seu enunciado sistêmico. Atribuem tais “vazios” ao fato de Latour não utilizar conceituações da semiótica de Charles Peirce, filósofo norte-americano que esposava a causa do pensamento anticartesiano, posição também adotada pela TAR, mesmo que esta, em uma manobra cujo objetivo é uma migração conceitual, tome por empréstimo o conceito estruturalista de *actante*, formulado por Algides Julien Greimas. A ideia de *continuum* é comum tanto para Peirce quanto para Latour.

À parte os balizamentos de conjunto de matrizes do edifício conceitual, a pergunta que fica é: Como relacionar as características presentes na TAR às notadas nas redes sociais da internet? É na sua “fisicalidade”, na sua estrutura infraestrutural, que as RSI’s se aproximam das características da TAR. Nelas estão presentes “os códigos, programas, até a ponta complexa do modo como os usuários se apropriam e até mesmo transformam os usos previstos para as plataformas e aplicativos”.

As redes sociais da internet vêm de certa forma para quebrar alguns paradigmas no que tange a forma de navegação dos anos 1990. Nesse tempo, a navegação poderia se classificar como uma prática de *surf*, ou navegação entre dois pontos no universo cibernético. Partíamos de um ponto a outro em busca de uma resposta, uma notícia, ou de entretenimento, e essa navegação tinha um começo e um fim, o que nos permite destinar, a esse tipo de navegação, os rótulos de unidirecional e possuidor de temporalidade linear. “O ciberespaço em si mesmo é não linear” - tampouco tem como sua essência a temporalidade linear – “mas os mecanismos de sua interface são lineares”.

As RSI’s aparecem quebrando essa modalidade de navegação dos anos 1990 por intermédio de sua capacidade de formar múltiplas redes, plataformas e funcionalidades, que por sua vez são frutos do surgimento de mais e mais aplicativos e pelo crescente aparecimento de mídias móveis.

Dentre estas redes sociais da internet, o estudo de caso das autoras recai sobre o Twitter. A fluidez das relações entre seguidos e seguidores proporciona a essa rede social uma instabilidade impar, em que laços pessoais pouco importam ali dentro: “Seguir ou não

alguém é uma opção baseada em critérios que vão além da amizade e simpatia”. O que interessa ao usuário (ou instituição, como vimos na teoria ator-rede) do Twitter são fluxos que podem oferecer *inflow* (fluxo de entrada de informação na página do usuário) ou *outflow* (fluxo de emissão de mensagens pelo usuário).

É justamente o *inflow* e o *outflow* que determinam as estratégias comunicacionais e as características de cada perfil dentro de redes específicas no Twitter. Portanto, “uma estratégia inteligente de inserção no Twitter” será essencial para a construção de uma identidade social daquele perfil.

Outro aspecto que é sempre lembrado pelas autoras são as características do Twitter como uma ferramenta que potencializa a fusão entre mobilidade do acesso e a temporalidade *always on*. Com a inovação tecnológica e com a convergência entre as redes sociais e as mídias móveis, o twitter, bem como grande parte das demais RSI's, pode ser acessado de qualquer lugar, a qualquer momento através das redes *wireless* hoje presente em shoppings, cafés, universidades e aeroportos.

Importante lembrar também que no Twitter existe uma sintaxe e linguagem própria (os famosos 140 caracteres), e aplicativos que proporcionam uma forma diferente de interação nas redes sociais. Símbolos como o “@”, a palavra ‘via’, o “#” e “//” estão presentes no Twitter e é necessário entender os seus significados na plataforma para uma melhor navegação no mar de informação vinculado no twitter. O *Retweet*, as *#hashtags*, os *Trending Topic* e as *Direct Message (DM's)* possibilitam uma nova forma de navegação onde “a tônica da interação e da formação de laços sociais (...) não é baseada em vínculos preexistentes, mas sim na penetração individual em fluxos de ideias, ou seja, fluxos coletivos abertos de ideias compartilhadas em tempo real”.

A relevância da obra para o meio acadêmico, sobretudo para os trabalhos monográficos, é enorme, porque direciona o pesquisador para, ao menos, três propósitos:

- 1 – definir o que pretende quanto for analisar uma rede social;
- 2 – saber utilizar uma ferramenta metodológica corretamente;
- 3 – identificar quem está na rede, qual o conteúdo agendado e como se apresentam as formas de expressão nesse ambiente.

O livro de Lemos e de Santaella vem somar-se a outros que auxiliam na construção de uma metodologia para o exame das redes sociais digitais. Algumas dessas contribuições

estão presentes nas referências bibliográficas que colaboraram na composição da obra resenhada nesta oportunidade.